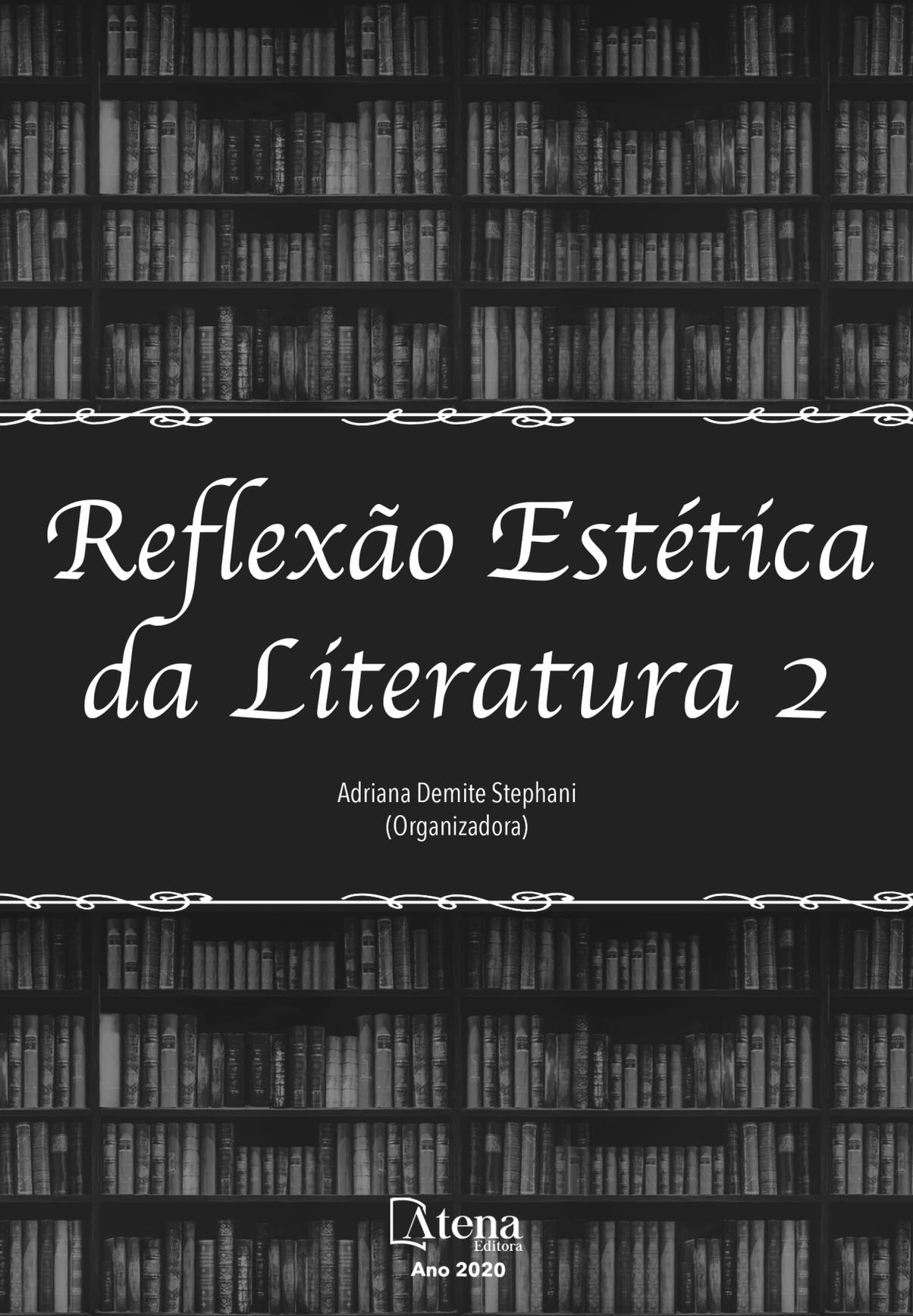


*Reflexão Estética  
da Literatura 2*

Adriana Demite Stephani  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2020



# *Reflexão Estética da Literatura 2*

Adriana Demite Stephani  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Adriana Demite Stephani

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

R332 Reflexão estética da literatura 2 / Organizadora Adriana Demite Stephani. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-489-4

DOI 10.22533/at.ed.894202610

1. Literatura. 2. Estética. I. Stephani, Adriana Demite (Organizadora). II. Título.

CDD 801.93

**Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166**

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

“Reflexão Estética da Literatura 2” intitula a coletânea de 25 artigos que possui a literatura, suas facetas e interseções como mote. A partir de diversas abordagens teóricas, os autores apresentam olhares e discussões sobre a recepção e análise de obras literárias de diferentes gêneros, estilos, épocas, contextos históricos, espaços geográficos e temas.

Nessas análises, somos transportados para o sul do continente africano, suas histórias, imperadores, guerrilhas e cotidiano pelas obras moçambicanas *Neighbours*, escrita por Lília Momplé, *Ualalapi* e *As mulheres do imperador*, de Ungulani Ba Ka Khosa, *Quem manda aqui?*, conto de Paulina Chiziane, pelo livro de poemas *Karingana ua Karingana*, de José Craveirinha e pela obra *Kiriku e a feiticeira*, do animador francês Michel Ocelot.

Espaços, personagens brasileiros, contextos e estruturas narrativas são apresentados nas análises de: *O retrato do rei*, de Ana Miranda, a partir das referências metapicturais do seu contexto narrativo; *Grande sertão: veredas* (1956) e o sentido do envelhecimento de Riobaldo; nas representações do mundo do oprimido e dos mecanismos de opressão nas obras “O louco do Cati” (1984), um romance oral do gaúcho Dyonelio Machado, e, em *Selva Trágica*, de Hernani Donato retratando uma “escravidão” da/pela erva nas primeiras décadas do século XX, no sul do antigo Mato Grosso; a “transculturação narrativa” é analisada em *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta; e, a pluralidade de motivações das quais partiu Lobato para compor “Inquérito sobre o saci” também é exposta.

Os temas suicídio e igreja são abordados na análise comparativa do romance *A viuvinha* (1857), de José de Alencar com o periódico *A Abelha – Verdade e Caridade* (1854), vinculado à Igreja Católica; assim como, analisa-se o discurso crítico antirreligioso católico presente nos esperpentos do autor espanhol Ramón María del Valle-Inclán (1866-1936), escritos entre 1921 e 1927. Representações peculiares e figuração arquetípica do Mal são objetos de análise nas obras *Marked*, de Steve Ross, *Punk Rock Jesus*, de Sean Murphy, e *Fausto: uma tragédia de Goethe*, de Mefistófeles.

Discussões sobre leitura e leitor também compõem esta coletânea com pesquisas sobre o que e como liam os cariocas da segunda metade do século XIX, as contribuições de Antonio Candido para o ensino de poesia, e, a ressocialização de pessoas pelas práticas de leitura.

A poesia igualmente é objeto de estudos dos textos que discutem as metáforas metalinguísticas, o eu-poético, o lugar de onde fala em poemas de Astrid Cabral, Hilda Hilst; como também, há um estudo comparado entre o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, do poeta brasileiro Manuel Bandeira e o poema “Passaporte para Pasárgada” (1946), do poeta cabo-verdiano Osvaldo de Alcântara. No que se refere aos textos dramáticos, há artigos sobre a dramaturgia comparada no Brasil e a imagética cênica do texto dramático

*Teatro Decomposto ou O Homem-Lixo*, do romeno Matéi Visniec.

A interseção entre a literatura e o jornalismo é analisada no livro de crônicas *A vida que ninguém vê* (2006) de Eliane Brum, e, as diferenças entre o tratamento da homossexualidade são observadas no romance *Simon vs. a agenda Homo Sapiens* e em sua adaptação cinematográfica, intitulada *Com amor, Simon*. E, fechando essa miscelânea, *Auto-reflexões de um biógrafo acidental* apresenta pesquisas de trajetórias relevantes para a arquitetura e o planejamento urbano na Argentina.

Os artigos proporcionam ao leitor uma imersão nos aspectos da recepção e da teoria literária, assim como viagens por mundos, temas e contextos tão diversos. Boa leitura!

Adriana Demite Stephani

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“EM CASA DE LEIA E JANUÁRIO”: AFETOS E DESAFETOS NA OBRA LITERÁRIA <i>NEIGHBOURS</i> DE LÍLIA MOMPLÉ	
Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
Rosilda Alves Bezerra	
Lorraine Sobral Correia de Lucena	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8942026101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
A PROSA MODERNA DE UM CHAMADO JOÃO, UMA DISCUSSÃO QUE NÃO SE ENCERRA	
Rosalina Albuquerque Henrique	
Sílvio Augusto de Oliveira Holanda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8942026102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>20</b>
O PROCESSO INTERMIDIÁTICO EM <i>O RETRATO DO REI</i> , DE ANA MIRANDA	
Cristina Reis Maia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8942026103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
AS MARCAS DA OPRESSÃO EM <i>SELVA TRÁGICA</i> , DE HERNANI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
João Batista Cardoso	
Vera Lúcia da Rocha Maquêa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8942026104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
POR UMA EPISTEMOLOGIA DO OPRIMIDO: ESTUDO DO ROMANCE <i>O LOUCO DO CATI</i> DE DYONÉLIO MACHADO	
Nailton Santos de Matos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8942026105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA CONTRADISCURSIVA EM UNGULANI BA KA KHOSA E PAULINA CHIZIANE	
Carina Marques Duarte	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8942026106</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>74</b>
O SUICÍDIO NA FICÇÃO E NO PERIÓDICO CATÓLICO: <i>A VIUVINHA</i> , DE JOSÉ DE ALENCAR, E <i>A ABELHA</i> – VERDADE E CARIDADE	
Iza Terezinha Gonçalves Quelhas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8942026107</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>86</b>
O DISCURSO VALLE-INCLANIANO ESPERPÊNTICO CONTRA À IGREJA CATÓLICA ESPANHOLA	
Gustavo Rodrigues da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8942026108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>95</b>
CAMINHANDO EM DIREÇÃO DO TRANSCULTURALISMO EM TERRA PAPAGALI	
Camila Marcelina Pasqual	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8942026109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>106</b>
O INQUÉRITO SOBRE O SACI PERERÊ: UM LOBATO MÚLTIPLO	
Amaya Obata Mouriño de Almeida Prado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89420261010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>118</b>
ENTRE LIVRO E TELA: A AVENTURA DO HERÓI NA LITERATURA DE RECEPÇÃO INFANTIL	
Maria Zilda da Cunha	
Maria Auxiliadora Fontana Baseio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89420261011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>129</b>
LEITURAS E LEITORES NO OITOCENTOS CARIOCA	
Valdiney Valente Lobato de Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89420261012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>139</b>
ANTONIO CANDIDO E O ENSINO DE LITERATURA	
Jefferson Silva do Rego	
Larissa Leal Neves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89420261013</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>147</b>
“VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA” ANUNCIANDO “CÂNTICO DA MANHÃ FUTURA”	
Andréia Maria da Silva	
Marinei Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89420261014</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>159</b>
COMUNIDADE DE TERRITÓRIO: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NACIONAL NA POESIA DE CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes	
Marinei Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89420261015</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>167</b>
ASTRID CABRAL: METÁFORAS DO EU-POÉTICO POETA Carlos Antônio Magalhães Guedelha DOI 10.22533/at.ed.89420261016	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>185</b>
LÍRICA E INTERLOCUÇÃO EM HILDA HILST Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari DOI 10.22533/at.ed.89420261017	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>196</b>
LEITURAS, LITERATURA E REMIÇÃO DE PENA: POLÍTICA PÚBLICA PARA RESSOCIALIZAÇÃO NAS PRISÕES DO DF Ana Cristina de Castro Robson Coelho Tinoco DOI 10.22533/at.ed.89420261018	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>206</b>
REFLEXÕES: A DRAMATURGIA COMPARADA NO BRASIL Alexandre Francisco Solano DOI 10.22533/at.ed.89420261019	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>217</b>
AS POÉTICAS DO (DES)HUMANO E A DECOMPOSIÇÃO DOS IMAGINÁRIOS CONTEMPORÂNEOS NO TEATRO DE MATEI VISNIEC Alexandre Silva Nunes DOI 10.22533/at.ed.89420261020	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>223</b>
A MODERNIDADE NA POESIA DE BAUDELAIRE SEGUNDO A TEORIA WALTER BENJAMIM Wanice Garcia Barbosa Valéria Maria Barboza Ferro DOI 10.22533/at.ed.89420261021	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>231</b>
A NOÇÃO DE CREDIBILIDADE EM <i>A VIDA QUE NINGUÉM VÊ</i> DE ELIANE BRUM: UMA INTERSEÇÃO POSSÍVEL ENTRE A LITERATURA E O JORNALISMO Nathália Coelho da Silva DOI 10.22533/at.ed.89420261022	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>242</b>
SIMON VS. SIMON: INTERTEXTUALIDADE E ADAPTAÇÃO Denise Veras Igor Sampaio DOI 10.22533/at.ed.89420261023	

<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>252</b>
REPRESENTAÇÕES DO MAL EM REESCRITAS EVANGÉLICAS DE SEAN MURPHY E STEVE ROSS Delzi Alves Laranjeira DOI 10.22533/at.ed.89420261024	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>263</b>
MEFISTÓFELES: O MAL COMO NECESSIDADE EXISTENCIAL Jonatas Alexandre Lima de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.89420261025	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>271</b>
OBJETIVANDO SUBJETIVIDADES EN UNAS APROXIMACIONES BIOGRÁFICAS Ana María Rigotti DOI 10.22533/at.ed.89420261026	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>281</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>282</b>

# CAPÍTULO 5

## POR UMA EPISTEMOLOGIA DO OPRIMIDO: ESTUDO DO ROMANCE *O LOUCO DO CATI* DE DYONÉLIO MACHADO

Data de aceite: 01/10/2020

Data da submissão: 21/07/2020

**Nailton Santos de Matos**

Faculdade de Tecnologia de Barueri (Fatec/  
Barueri)  
Barueri – SP  
<http://lattes.cnpq.br/3183237127870572>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo refletir sobre o papel da literatura e da crítica literária no século XXI. A análise tem como suporte teórico o estruturalismo genético de Lucien Goldmann em *Sociologia do Romance* (1967) para quem a materialidade do romance resulta das tensões sócio históricas, portanto as estruturas no plano da forma e do conteúdo são homólogas às estruturas externas da vida social. Tomando como referência o método goldmanniano, este artigo analisa a obra *O louco do Cati* (1984) de Dyonélio Machado no que se refere à forma e ao conteúdo buscando estabelecer uma homologia entre a obra e as representações do mundo do oprimido e dos mecanismos de opressão que buscam consolidar a dominação dos opressores e da possibilidade de desmascarar todas as incoerências e dissimulações que a ação dos opressores.

**PALAVRAS - CHAVE:** Epistemologia. Dyonélio Machado. Paulo Freire. Lucien Goldmann. Sociologia da literatura.

### FOR AN EPISTEMOLOGY OF THE OPPRESSED: STUDY OF THE ROMANCE *O LOUCO DO CATI* OF DYONÉLIO MACHADO

**ABSTRACT:** This article aims to reflect on the role of literature and literary criticism in the 21st century. The analysis is theoretically supported by the genetic structuralism of Lucien Goldmann in *Sociology of Romance* (1967) for whom the materiality of the novel results from socio-historical tensions, therefore the structures in terms of form and content are homologous to the external structures of social life. Taking the Goldmannian method as a reference, this article analyzes the work *O crazy of Cati* (1984) by Dyonélio Machado in terms of form and content, seeking to establish a homology between the work and the representations of the world of the oppressed and the mechanisms of oppression that seek to consolidate the domination of the oppressors and the possibility of unmasking all the inconsistencies and disguises that the action of the oppressors.

**KEYWORDS:** Epistemology. Dyonélio Machado. Paulo Freire. Lucien Goldmann. Sociology of literature.

### INTRODUÇÃO

A discussão em torno do papel da literatura tem suscitado inúmeros debates entre os intelectuais que se ocupam de estudar a obra literária. Há um grande número deles que defendem a primazia do estudo dos aspectos imanentes presentes na literatura. Para esses, o

que deve ser levado em conta na análise literária para validar a sua qualidade é a genialidade do autor ao elaborar uma representação de mundo a partir de formas linguísticas.

O método goldmanniano de análise dos fenômenos culturais ficou conhecido como estruturalismo genético. Vale destacar que, para ele, as estruturas não são dadas *a priori*. Conforme pode ser percebido no exemplo dado por ele em seus estudos sobre o jansenismo, “a vida dos homens e dos grupos sociais não é um estado, mas um conjunto de processos” (1972, p.12) que só podem ser explicados a partir das relações internas dentro daquela estrutura e dessa em relação a outras mais vastas, num processo dialético em busca da totalidade explicativa para os fenômenos.

## A OBRA LITERÁRIA COMO HOMOLOGIA

De modo geral, há uma concepção de que a obra literária deve ser vista como um produto da capacidade de abstração do seu autor. O que está em evidência são as estruturas internas que dão configuração à obra: linguagem, personagens, tempo, espaço, enredo etc. Uma das vertentes mais prodigiosas dentro dessa concepção de análise da obra literária foi o formalismo russo.

Goldmann assume uma posição diferente dessa corrente. Este teórico entende que toda produção cultural deve ser tomada como a expressão de uma consciência coletiva. Goldmann (1993) deixa isso muito explícito ao afirmar que

[...] toda manifestação é obra de seu autor individual e exprime seu pensamento e sua maneira de sentir; essas maneiras de pensar e de sentir não são, porém, entidades independentes em relação às ações e aos comportamentos dos homens. Só existem e só podem ser compreendidas em suas relações interindividuais que lhes conferem todo conteúdo e toda riqueza. (p.106)

Para ele, uma obra artística não é resultado da capacidade cognitiva do seu autor. A riqueza de uma obra literária reside no fato de que ela só existe e só se tornou possível como expressão das tensões sócio históricas que lhe deram o lastro necessário à sua materialidade. O sujeito produtor da obra de arte é um sujeito histórico e, como tal, sua produção artística traz marcas profundas de sua classe social.

Essa dimensão da produção literária como uma espécie de síntese possível desenvolvida por uma dada classe social, que não faz do autor um gênio capaz de erguer um grande monumento como resultado de seu esforço pessoal e de sua capacidade intelectual, não parece ser coerente.

As visões do mundo são fatos sociais, as grandes obras filosóficas e artísticas configuram expressões *coerentes* e adequadas dessas visões do mundo; são como tais expressões *individuais* e *sociais ao mesmo tempo*, sendo seu conteúdo determinado pelo *máximo de consciência possível*<sup>1</sup> do grupo, em

---

<sup>1</sup> Segundo Goldmann, é fundamental separar a consciência possível duma classe de sua consciência real num certo momento da história, resultante das limitações e dos desvios que as ações dos outros grupos sociais. Uma classe

geral da classe social, a forma sendo determinada pelo conteúdo para o qual o escritor encontra uma expressão adequada. (GOLDMANN,1993, p.107-8)

Esse modo de produção da vida material determina o plano da expressão do conteúdo e da expressão da forma. Esse modo burguês de conceber a realidade condiciona a forma do conteúdo e o conteúdo da forma. A forma que ele dá ao conteúdo é um romance. O romance, segundo Goldmann, é uma invenção burguesa. A forma do romance clássico está condicionada pela visão de mundo da burguesia. A presença do herói individual, de uma narrativa que está centrada em valores econômicos e de uma linguagem carregada de metáforas que remetem à vida material, evidencia, no plano da forma, esquemas mentais de consciência possíveis desse grupo social.

A mudança no plano da forma e do conteúdo não se dá de modo aleatório ou por capricho do autor. Como o mundo em evidência é o mundo do proletário, as categorias mentais de se conceber o mundo não são capazes de retratar as tensões e contradições desse grupo social. De acordo com Goldmann (1972b, p.13-4), “a vida da sociedade não constitui um todo homogêneo; compõe-se de grupos parciais em meio aos quais as relações são múltiplas e complexas. De uma maneira bastante esquemática e global, poderíamos defini-las como um conjunto de conflitos e colaborações”. O romance realista como expressão da visão de mundo dos oprimidos, dos que não têm representação social na estrutura burguesa, subverte a forma romanesca no que tange ao conteúdo e à forma. Goldmann (1993) salienta que “o estudo das grandes obras filosóficas e literárias demanda um trabalho de análise extremamente cuidadoso, já que no limite é preciso tentar apreender a partir da *visão de conjunto* tanto o conteúdo como a *forma* exterior da obra. (p. 108)

Desse modo, a produção literária deve ser tomada não apenas como um simples registro (*mimesis*)<sup>2</sup> da realidade. Ela é, antes de mais nada, a materialidade no campo da social não consegue alcançar um grau de percepção maior do que aquela na qual a estrutura psíquica de sua classe consegue chegar. Cada classe estrutura seus pensamentos a partir dos esquemas mentais construídos por sua classe. Desse modo, muitos aspectos da realidade escapam da percepção ou chegam a ela deformadas, determinando, assim, a forma de pensar característica de uma classe social. As estruturas do pensamento de uma classe determinam as possibilidades e os limites de sua consciência. Inserida dentro do materialismo dialético, a teoria goldmanniana nega a existência de toda entidade metafísica e especulativa, e defende que todo fenômeno é a expressão de uma realidade humana mais profunda e mais vasta. Para ele, não há consciência supraindividual. A consciência coletiva e a consciência de classe, por exemplo, consistem apenas no conjunto de consciências individuais e de suas tendências tais que resultam da mútua influência dos homens uns nos outros e de suas ações sobre a natureza. O materialismo dialético não acredita que o conjunto de consciências individuais seja a soma aritmética de unidades autônomas e independentes; seu pensamento, numa linhagem que passa por Pascal, Kant e Hegel, diz que cada elemento só pode ser compreendido no conjunto de suas relações com os outros, isto é, em relação ao todo, pela ação que opera sobre esse todo e a influência que este exerce nele”. GOLDMANN, L. *Ciências humanas e filosofia: o que é Sociologia?* 12ª ed. Trad. Lupe Cotrim Garaude e José Arthur Giannotti. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1993.

2 Em *Arte poética*, Aristóteles emprega o termo *mimesis* para conceber arte como imitação do real. Essa distinção é importante porque traduz a percepção de que a produção artística se dá como uma categoria exterior, uma vez que a arte imita o real de uma maneira artística, não sendo, portanto, uma cópia da realidade. Segundo ele, a arte não fala o que é, mas o que poderia ter sido, abrindo assim um leque de possibilidades para a produção literária. Essa perspectiva mimética da arte se contrapõe à visão goldmanniana, uma vez que, para o autor de *Sociologia do romance*, toda produção artística além de manter uma relação inegável com a realidade, conforme defendeu Aristóteles, objetiva apresentar uma visão de mundo e problematizar o real *como conteúdo e forma*.

abstração da consciência possível de uma classe social. Mesmo quando apresenta um conteúdo diferente daquele presente na consciência coletiva, ela é, na estrutura (forma), homóloga à consciência coletiva de sua classe social e deve, segundo Goldmann (1972b, p.64), “ajudar os homens tomar consciência de si mesmos e de suas próprias aspirações afetivas, intelectuais e práticas”.

O que se percebe é que toda produção cultural resulta de uma certa visão de mundo. A obra nasce do desejo de dar coerência à realidade experienciada por uma determinada classe social. Coerência não deve ser tomada como uma harmonização ou assujeitamento desses indivíduos à visão de mundo, mas como um *compreender* e *explicar* no sentido goldmanniano. Esse movimento deve colocar o indivíduo para além da percepção imediata do fenômeno, para considerá-lo dentro do devir de relações que permitam explicar o fenômeno dentro de toda a sua complexidade (interna e externa) em um permanente processo dialético.

Se todo sentimento, todo pensamento e, no limite, todo comportamento humano é *Expressão*, preciso distinguir, no interior do conjunto de expressões, o grupo particular e privilegiado das *Formas* que constituem expressões *coerentes* e *adequadas dum visão do mundo* no plano do *comportamento*, do *conceito* ou da *imaginação*. Há pois Formas na vida, no pensamento e na arte, e seu estudo constitui umas das tarefas importantes do historiador em geral e a tarefa mais importante do historiador em geral e a tarefa mais importante do historiador da filosofia, da literatura e da arte, mas sobretudo do sociólogo do espírito. (GOLDMANN, 1993, p.107)

O que é muito instigante no pensamento goldmanniano é sua proposta de uma solução à dicotomia proposta pela razão positivista, que via completa a ruptura entre o sujeito e objeto, entre forma e conteúdo. Indo de encontro ao estruturalismo, o autor elabora um pensamento que destaca o caráter histórico das estruturas. Elas não podem ser tomadas de modo a-histórico. Segundo ele, toda produção cultural vem carregada de significados humanos, de visões de mundo, com as quais os homens buscam compreender e explicar suas ações no mundo, dando a elas respostas mais ou menos coerentes às situações vividas. Portanto, essas estruturas não são dadas *a priori*, mas construídas pelas e nas práticas dos grupos sociais.

Os conflitos que emergem dessas relações não se dão por acaso. Resultam de espaços de enunciação de diferentes saberes. O que existe é um conjunto de formulações psíquicas que oferecem visões de mundo diferentes e divergentes. A classe social dominante que detém os instrumentos de produção cultural se utiliza dos recursos à sua disposição para legitimar sua formulação epistemológica.

Ao produzir cultura, uma formação social confere às suas ações significados que vão variar dependendo da visão de mundo dessa classe social.

[...] cultura é tudo aquilo que resulta do pensar e do agir humanos sobre a natureza, com vistas a obtenção de bens e serviços necessários à

sobrevivência e à reprodução da espécie. Em suma cultura é toda ação humana que confere novo significado ao que originalmente as coisas e os processos tinham no seu estado natural. (ROMÃO, 2003, p.2)

A produção cultural produzida por essa classe dominante, segundo o pensamento goldmanniano, revela as projeções psíquicas da dominação no plano do conteúdo e da forma. Ou seja, uma classe social ao produzir cultura faz emergir dessas representações simbólicas as contingências histórico-econômicas dessa formação social. Desse modo, há por trás de cada produção cultural uma razão opressora ou uma razão oprimida.

A razão opressora burguesa tem caráter conservador. Ela tende a legitimar as estruturas sociais, uma vez que, segundo Goldmann, há uma homologia entre o sujeito e o objeto de sua produção cultural. Todas as estruturas sociais e epistemológicas que compõem o universo da burguesia revelam uma lógica estrutural imobilista.

Por isso, é provável que, considerando-se as dimensões e a complexidade da missão, tenhamos, talvez, que dedicar o resto de nossas vidas à tarefa de tornar visível esta hipótese tão atraente: a existência de Razões Oprimidas que tenham desenvolvido “epistemologias alternativas”, que são competentes para a superação da crise da *gnosis* e da *episteme* que são hegemônicas, mas que não têm legitimidade científica. (ROMÃO, 2010, p.28)

As pretensões hegemônicas da lógica estrutural burguesa não oferecem a possibilidade de outras formulações epistêmicas, uma vez que colocariam em xeque os mecanismos de dominação construídos por essa classe. As representações abstratas dos opressores reproduzem homologamente a dinâmica de uma estrutura social elitista, individualista e hegemônica.

O Processo Cultural Simbólico [...] é um sistema de representação: por intermédio dele homens e mulheres representam a natureza, a si mesmos, as suas relações com a natureza, os outros seres humanos, sua relações múltiplas, o cosmo etc. O Processo Cultural Simbólico é constituído pela ciência, pela arte, pela religião, e por todas as formas de captação, interpretação, representação e expressão do mundo. (ROMÃO, p.4)

Se todo processo cultural simbólico é um sistema de representação com o qual o sujeito e a classe social legitimam, interpretam, explicam e buscam dar a coerência máxima possível à sua existência, a produção cultural dos oprimidos oferece outras alternativas epistemológicas para compreender e explicar o mundo.

Segundo Romão, a possibilidade de transcendência só pode vir de uma razão oprimida. Somente os oprimidos podem revelar as contradições da visão de mundo do opressor.

Os (as) oprimidos, ao contrário, sonham com as mudanças de uma formação social que só lhes exige sacrifícios e sofrimentos e, por isso, estão mais abertos à reflexão crítica. Além disso, como vivem no olho do furacão das contradições – afinal, percebem a incoerência entre um discurso elitista que

promete o paraíso para todos e que o realiza, ao preço do inferno para muitos, apenas para uma minoria –, são mais “potencializados” para uma Razão Dialético-Dialógica do que para uma lógica estrutural imobilista. (ROMÃO, p.29)

A literatura como uma produção cultural simbólica se configura num espaço de conflitos. Ao elaborar a obra, o sujeito transindividual representa no plano da abstração dois lugares de enunciação: o do opressor e o do oprimido. Os conflitos e as estruturas reveladoras da dominação nem sempre estão visíveis no plano do conteúdo, mas se revelam categoricamente no plano da forma. As estruturas formais do romance clássico se organizam, no plano mais profundo, homólogas às estruturas que regem a vida econômica burguesa.

Ora aí está uma mutação fundamental que o escritor só saberia exprimir ao nível da abstração, o que o fará parecer paradoxal à maioria das pessoas que lerem o seu texto. Pois os homens vivem ao nível das percepções imediatas; por isso, diante de um texto deste gênero, eles dizem “é absurdo” e retornam ao aspecto imediatamente apreendido e vivido, que permanece superficial e não toca na essência do fenômeno. (GOLDMANN, 1972b, p.44)

Para minimizar ou escamotear seus mecanismos de dominação, a burguesia abre espaço para as manifestações dos oprimidos. Essa aparente colaboração parece indicar o desejo de superação, mas o que ocorre na essência é que para burguesia não é interessante essa reflexão que invariavelmente pode levar ao desejo de transformação, ou seja, à superação de sua condição de oprimido. Toda aparente colaboração tem como objetivo levar o oprimido a um maior grau de alienação.

A consciência possível de uma classe social oprimida é capaz de revelar dimensões muito interessantes sobre os modos de ver o mundo a partir de lugares de enunciação que oferecem explicações e saberes sobre o mundo. O romance construído a partir do oprimido, embora faça uso de uma forma burguesa e tenha como eixo o valor da economia liberal, termina por construir uma obra que, ao contrário de legitimar a expressão de um grupo hegemônico burguês, termina por colocar em evidência a necessidade de superação dessa estrutura.

Com efeito, o universo do romance clássico tem uma estrutura relativamente homóloga à que regeu o universo da vida cotidiana dos homens no setor econômico onde ele é, também, tematicamente dominado pelo único valor evidente e universal da economia liberal: a autonomia do indivíduo e o seu desenvolvimento. Porém, a partir desta base comum, a evolução da obra e da sociedade é feita em direções divergente, e a obra se torna não a expressão do grupo social, mas a de uma resistência a este grupo ou, pelo menos, da não aceitação deste. (GOLDMANN, 1972b, p.68)

De acordo com Romão (2010, p.28), “somente aos oprimidos e às oprimidas interessa a reflexão sobre as relações de opressão, bem como somente a eles e a elas interessa a transformação dessas relações”. Somente os oprimidos podem modificar as relações de

opressão, uma vez que o opressor, com as limitações de possibilidade inerentes à sua consciência, não é capaz de viabilizar possibilidades de transcendência.

A visão de mundo do opressor impossibilita-o de perceber a realidade além dos domínios de sua classe. Para ele, a única realidade possível é aquela construída por sua formação social. As estruturas que dão sustentação à visão de mundo da burguesia dão a impressão de que elas são rígidas e naturais.

A visão goldmanniana com base no pensamento dialético entende que “a vida dos homens e dos grupos sociais não é um estado, mas um conjunto de processos” (GOLDMANN, 1972b, p.12). Esse devir que caracteriza toda e qualquer atividade humana não pode ser deixado de lado ao se considerar qualquer produção humana. Isso explica a inserção das categorias *compreensão e explicação*.

No campo literário, “o grande escritor procura atingir com precisão, consciente ou inconscientemente, essa essência e dizer o essencial” (GOLDMANN, 1972b, p.44). Para dizer o essencial, a obra literária deve representar no nível da abstração, tanto no conteúdo da forma, quanto na forma do conteúdo, uma homologia com a visão de mundo de sua classe social.

Ao estudar uma obra literária, é necessário inseri-la numa perspectiva global que permitirá entender as visões de mundo e as estruturas que sustentam tal visão. Um texto literário que trata do oprimido nem sempre oferece uma imagem nítida da opressão. Se o que temos é o opressor, que num gesto de “solidariedade” busca dar voz ao oprimido, o olhar estará sempre determinado pelas estruturas mentais do opressor.

## ***O LOUCO DO CATI DE DYONÉLIO MACHADO E A CRÍTICA LITERÁRIA***

Dyonelio Machado, em *O louco do Cati*, estrutura o mundo na perspectiva do oprimido. Sendo a obra uma projeção simbólica da consciência da classe social que a produziu, a literatura do oprimido se coloca como uma alternativa para superação dos mecanismos de opressão, uma vez que, vivendo no centro das contradições, só o oprimido pode encontrar alternativas para transcender a estrutura opressora elaborada e legitimada pela consciência possível do opressor.

*O louco do Cati* tem sido visto pela crítica atual como uma das obras mais bem construídas da literatura brasileira. Mas, em 1942, quando foi publicada, a obra recebeu severas críticas, em razão de seu caráter original na estrutura formal e na linguagem empregadas por Dyonelio Machado. Poucos foram os que reconheceram na obra seu aspecto inovador. Segundo Guimarães Rosa, “se o livro de Dyonelio tivesse sido escrito em francês ou em inglês e por autor estrangeiro, era prêmio Nobel, sem dúvida”. Acrescenta ainda: “para mim, os melhores livros que já li até hoje, como originalidade, como realização, como beleza, foram o de Herberto e *O louco do Cati*, de Dyonelio Machado”.

Mário de Andrade também ficou profundamente impressionado com a qualidade

estética e pungente de *O louco do Cati*. A edição de *Os ratos* de 1980, traz uma carta enviada a Machado em que o autor de *Paulicéia desvairada* declara: “Que impressão estragosamente profunda esse livro de causou”. E acrescenta: “*O louco do Cati* morde e marca [...]”. (p. 7)

O que chama a atenção na obra de Dyonelio Machado é a sua opção pela visão de mundo do oprimido. O estranhamento causado pela ruptura com as estruturas epistemológicas que caracterizam outro modo de conceber a realidade do lugar de enunciação do oprimido, fez com que a obra não fosse compreendida pelo rompimento radical com as estruturas mais profundas do poder.

## **ANÁLISE DO CONTEÚDO DA FORMA EM *O LOUCO DO CATI***

Em *O louco do Cati*, o autor se debruça sobre a realidade à sua volta e se aprofunda no drama dos oprimidos. Essa opressão não modifica apenas as relações exteriores das personagens, mas se projeta para dentro da consciência das personagens. Ela está em toda parte: no Rio de Janeiro, em Porto Alegre, em Florianópolis, em São Paulo, nos cafés, nas ruas centrais na periferia, no interior, em todos os lugares, como um espectro que atormenta e que limita o desenvolvimento de cada ser humano.

A opressão que sufoca e limita a ação humana não é uma ideia, um assunto de intelectuais, mas o resultado de uma ação proposital de uma classe opressora que a coloca não apenas como uma ação de fora para dentro, mas, sobretudo, como processo de alienação do sujeito diante de suas possibilidades.

A “aventura” do maluco envolve o leitor. É de sua angústia, de seu psiquismo, de sua loucura que nasce toda esperança. Dyonelio trata a questão social de um outro lugar de enunciação, revelando suas consequências mais graves e mais profundas. O medo, o encarceramento, a angústia, a loucura são elementos que compõem o aparato subjetivo que se perde no tempo histórico-social e oferece a possibilidade de compreender e explicar a totalidade do mundo do oprimido. Essa experiência possibilita a apreensão da problemática do oprimido e de sua classe com os mecanismos de opressão e as consequências íntimas que as estruturas de dominação produzem na esfera social e psíquica do oprimido.

Ao particularizar a vida insignificante do “homem-cão” e de outras personagens marginais, Dyonelio busca apreender a realidade na ótica daqueles que se encontram na periferia da organização social e vivenciam cotidianamente a angústia e a opressão.

O estado psicológico do maluco com sua aparente fragilidade permite-nos apreender a realidade cruzando contexto sócio-histórico com o seu eco na vida interior do personagem. A loucura do personagem resulta da sua imersão em um ambiente cuja *práxis* se estabelece e se consolida pela violência.

No plano conceptual, Dyonelio Machado oferece uma resposta para a superação dos mecanismos de opressão: a exorcização das estruturas psíquicas que legitimam a visão

de mundo do opressor. Segundo Freire (1987, p.30), somente o oprimido tem condições gnosiológica e epistemológica de superar a visão de mundo do opressor, porque vivendo todas as contradições e tensões advindas da estrutura capitalista burguesa, fundada em valores quantitativos, somente ele tem possibilidade de construir outras racionalidades capazes de apontar alternativas reais de superação da visão de mundo hegemônica do opressor.

Ao construir uma narrativa que tem como personagem “central” um louco que vem de uma região na fronteira do Rio Grande do Sul, Dyonelio não quer descrever uma situação particular, exótica, mas falar do homem universal cujas potencialidades são limitadas pela práxis da violência.

A loucura do “homem-cão” lhe confere a capacidade de desmascarar todas as incoerências e dissimulações que a ação dos opressores estabelece. A obra *O louco do Cati* transpõe para o plano simbólico a resistência à visão de mundo da burguesia na crença da ação histórica e libertadora que é capaz de conferir ao homem consciência da sua existência e de sua dignidade.

A obra destaca ainda a importância da ação coletiva na construção da consciência. Não se trata de personagens que vivem uma crise e que mergulham em uma viagem psicológica interior na tentativa de encontrar as respostas para um mal ontológico. O percurso vivido pelo louco evidencia que a superação dessa loucura só é possível pela solidariedade. É no contato com os outros homens que se viabiliza a superação da alienação e da opressão.

A obra de Dyonelio Machado na esfera do conteúdo ratifica uma recusa do sedativo oferecido pelas classes dominantes que, em nome do progresso e da ordem, violentam e oprimem a fim de que a estrutura opressora seja legitimada. As soluções oferecidas são ilusórias: estradas, pontes, trilhos que não levam a lugar nenhum.

O que nos chama a atenção nesse livro é a ausência do herói problemático. Na verdade, há um deslocamento no eixo na narrativa no que se refere às personagens. Nas cinco seções em que a obra está dividida, não temos heróis problemáticos. O herói problemático, segundo Goldmann (1967a, p.14), evidencia uma busca degradada por valores autênticos. Degradada porque o agente mediador que elabora essa síntese não consegue superar a estrutura do meio social em que ele vive.

Outro aspecto interessante em *O louco do Cati* diz respeito à dificuldade de acomodá-lo numa designação de gênero. A indicação que aparece na primeira edição – aventura – parece indicar que o próprio autor tinha consciência de que sua obra não se enquadrava aos parâmetros clássicos do gênero romanesco.

Tendo suas origens na epopeia, o romance se constrói centrado na ação individual do herói. O “herói da aventura de Dyonelio é um homem desequilibrado, sem nome, desconhecido, com medo, sempre confuso, curvado e sempre com um olhar vago. O louco não pode nem ser tomado como protagonista. Durante toda narrativa sua presença

se configura por uma ausência. A busca é autêntica. A estrutura repressora e violenta representada simbolicamente pela imagem do Cati precisa ser superada. A aventura vai da loucura para a consciência de que é possível eliminar as estruturas do Cati da mente do oprimido.

O Cati perde na obra a sua dimensão espacial para ganhar contornos de projeção psíquica. As experiências vividas no Cati espacial situado no passado se atualizam num presente que evoca a sua permanência. Desse modo, o Cati é uma realidade que ainda não foi superada. O mais intrigante é que apenas o “louco” tem essa perspectiva. Para os demais personagens, o Cati remonta a um passado historicamente superado.

Ao seguir viagem em direção à praia, os quatro rapazes param em uma hospedaria para comer e descansar. Embora aquele espaço pareça um lugar seguro, o “louco” vê nas relações mais profundas indícios do Cati.

Isto! isto é o Cati!

A figura estranha bracejava na esplanada da frente da hospedaria, no centro da enorme esfera de luz da alvorada. Com o gesto apocalíptico abrangia a casa, os contrafortes, as dependências – que na claridade da manhã, saíam do desenho apenas esboçado pela penumbra da véspera com um recorte militar mais vivo: eram, *mesmo*, redutos, quartel, casamatas.

E dominando o “terreno”, como “em posição” à sua frente – o seu Ricardo, o dono (sempre madrugador), grande, grosso, cabeleira lançada para trás bigodudo.

É o Cati! (MACHADO, 1984, p.23)

É aqui que reside a “loucura” – a capacidade de ver a realidade mais profunda. A hospedaria reproduzia as mesmas estruturas do Cati. O mundo que se estruturava ali reproduzia o desenho do Cati.

Quando Noberto é capturado pela polícia, o “maluco” tem a mesma reação:

Quem é aí um tal de Noberto? Noberto? – indagava o homem que vinha adiante, em voz dura e precipitada. Os seus companheiros “tomavam posição” nos dois lados do veículo.

Noberto apareceu, no meio da curiosidade espantada de todos.

Sou eu.

Então me acompanhe.

Ouviu-se uma voz de terror, de terror pânico:

Isto! isto é o Cati!

Era o maluco, um pé no ar, a cara de dor e os olhos fundos escancarados para aquele “aparato”. (MACHADO, 1984, p.60)

Mais uma vez o “louco” reconhece naquele “aparato” o Cati – realidade não superada que “tomava a mesma posição”: precipitação do encarceramento do sujeito. Quando chegam ao presídio, o homem-cão vê no presente a atualização do Cati de sua infância.

Noberto teve um choque, quando viu aquela porta fechada com as frades e um soldado de baioneta calada montando guarda. (Em Araranguá, eles haviam estado numa sala; coisa camarada. O maluco chegou-se mais para perto dele, encolhido. Aventurou a medo:

Isto não será o Cati?

Noberto teve uma reação brusca:

Deixa de ser bobo. (MACHADO, 1984, p.74)

Vale destacar aqui a oposição de visão de mundo de Noberto e do maluco do Cati. Há uma contradição entre ele e o louco.

O rapaz ruivo e de olhar inteligente falava baixo para o amigo [...] (MACHADO, 1984, p.11)

Noberto era consultado como um oráculo. MACHADO, 1984, p.22)

Noberto não consegue enxergar na realidade as projeções da opressão e da violência. Embora seja um militante que se posiciona contra o poder estabelecido e seja solidário com seus companheiros – “somos todos amigos” (MACHADO, 1984, p.27) –, ele conhece o Cati como História e não como vivência.

É aí que reside a impossibilidade de superação da violência e da opressão. Isso explica o fato de que, mesmo tendo um “olhar inteligente” ao longo da aventura, ele será deixado para trás.

No percurso de sua “aventura” o maluco transitará por espaços e estratos sociais diferentes. Mas o que fica evidente em todos eles é a completa alienação. No Rio de Janeiro, uma “mentalidade de máquina” começava a se criar. Enquanto todos vivam experiências alienantes e alienadas, o maluco lança o seu olhar para mais adiante:

O passageiro do bonde ocupou o seu lugar e se pôs a *apagar* um ponto a sua frente com um olhar sem conteúdo. (MACHADO, 1984, p.8)

O passageiro pôs o olhar ao longe, num armazém isolado no meio de um grande terreno plano, e para lá seguiu. (ibidem, p.10)

Era preciso ter visto a sua cara, o seu olhar. (MACHADO, 1984, p.26)

A “loucura” do personagem consiste na sua insistência de olhar para uma direção contrária àquela que maquinalmente todos insistem em seguir. Uma “mentalidade de máquina” sugere a completa acomodação do indivíduo à realidade imposta pela social que se estabelece como única maneira de ver o mundo. O louco está sempre desconfortável com essa possibilidade. Isso pode ser percebido quando o capitalista na primeira classe do navio oferece novas roupas para ele.

[...] a promessa a ser mantida pelo passageiro, de mudar de roupa, trocando-a por outra de sua nova classe. [...] *O louco do Cati*, algum tempo depois, foi içado à primeira classe do navio. O capitalista viajava com muita roupa. Nenhuma servia exatamente no corpo dele. Ficavam grandes [...]. (ibidem, p.163)

*O louco do Cati* estava muito desagasalhado, como notou a mulher de cara mongólica. Depois, entre seu corpo e aquelas roupas muito maiores do que devia, circulava muito vento, até um pouco daquela neblina. (MACHADO, 1984, p.170)

Percebe-se aqui a questão da visão hegemônica das classes dominantes. A única visão de mundo possível é aquela imposta e legitimada por essa classe. Não há abertura para outras possibilidades: “[...] ninguém podia admitir que houvesse gente que se alimentasse com comida de outra cor” (MACHADO, 1984, p.163).

O capitalista se apresenta como solidário ao maluco do Cati. A iniciativa de içar o louco para a primeira classe parece ter pretensões revolucionárias. Entretanto, isto não é verdade. Ao assumir o nome de “Noberto” durante a viagem, o capitalista parece ver na ascensão econômica do maluco um ato revolucionário. “[...] Mas, na verdade, constituía uma tarefa por demais ingrata vigiar todos os passos dum indivíduo, quando entre um e outro se interpunha uma separação tão severa como aquela das classes de um navio.” (MACHADO, 1984, p.163)

Fica evidente que a suposta benevolência da burguesia capitalista em relação aos oprimidos se dá para consolidar, legitimar e perpetuar a opressão. Se o romance é uma criação que reflete no nível simbólico o universo burguês, portanto, relacionado a ela e aos seus valores, ele contém em sua própria gênese a contradição burguesa: o ideal de integração harmônica e de formação humanista, solidária é posto.

No entanto, a sua realização será sempre uma busca demoníaca, degradada. Por mais profunda que seja a tensão entre os valores do mundo e o desejo de totalidade, o herói problemático tende à reificação do mundo burguês. O romance burguês focaliza sempre a impossibilidade de reconciliação entre o herói e o mundo. A realização dessa reconciliação no plano estético acarretaria uma fissura artística demasiadamente grande.

Sendo essa “aventura” uma narrativa do oprimido, o mundo burguês não é reificado,

mas revelado em seu aspecto mais demoníaco. O louco do Cati se reconcilia com o mundo quando se reconhece como agente da história. Quando exorciza todos os fantasmas que o impedem do exercício pleno de sua consciência.

O homem-cachorro de ainda um instante quase não acreditava! Mas afugentara a assombração num relâmpago, para sempre!... Queria, dali donde estava, defronte do sol, queria – era poder estender umas mãos vingativas de gigante, para sentir nos próprios dedos frisados de luz o esfarelar do pó do Cati, do Cati que se esboroava – lentamente, através **esses** anos, numa serenidade melancólica de coisa morta, que apenas vive a vida ultrajada e espectro...

Mas sorria...

Sorria, na antevisão até de um descanso, na estrada. Sorria diante daquela tarde de ouro, que dourava também a lâmina brilhante do arroio, crescido com as grandes chuvaradas da primavera. Nos olhos, nos lábios frouxos, nos dentes – uma umidade ouro-pálida ficara lampejando, dourando o seu sorriso. (MACHADO, 1984, p.255)

Nessa “aventura” inusitada, o autor aponta para a possibilidade humana de transcendência de um estado de “consciência” simples, para superação dos esquemas mentais que legitimam a opressão.

## **ANÁLISE DA FORMA DO CONTEÚDO EM *O LOUCO DO CATI***

Em *O louco do Cati*, forma e conteúdo se imbricam coerentemente. Para penetrar inteiramente a realidade, o autor coloca em xeque as instâncias da narrativa tradicional, no modo como o autor concebe o herói, a linguagem, a narração, o tempo etc.

Segundo Goldmann, a presença do “herói problemático” caracteriza cabalmente a forma romanesca. Entretanto, essa categoria não se aplica ao “louco” do Cati. A personagem não evidencia nenhuma crise de valores resultante da cisão entre interioridade e exterioridade. O que temos é um personagem que, diante do abandono, da violência, do medo e da solidão, encontra-se encarcerado dentro de si mesmo e no mundo.

Pina (1978) aponta outra categoria de herói no romance realista socialista: o herói positivo. Segundo ele,

O herói positivo encarna a contradição entre o ideal e a realidade: nas relações com as demais personagens sublinha as necessidades sociais e os objetivos que lhes condicionam no agir, na prática social dos indivíduos quer dizer, representa aquela contradição como produtiva, produzindo a partir dela estímulos e impulso para a ação criadora das massas. (PINA, 1978, p.24)

Segundo esse crítico, o que caracteriza o herói positivo é sua consciência libertadora. Sua ação movimenta as massas. Em *O louco do Cati*, o herói não age para intervir na

realidade exterior. O seu silêncio resulta da sua impossibilidade de agir enquanto estiver atormentado pelas memórias da violência e da opressão que a exterioridade imprimiu em sua consciência. A questão na obra não são os conflitos ligados à materialidade e ao exercício do poder na sociedade, mas o que isso provoca nas estruturas mentais tanto dos opressores quanto dos oprimidos nessa sociedade.

No romance de Dyonelio, o herói não é um sobrevivente em um mundo degradante e degradado. A configuração social e ideológica da realidade não restringiu apenas a vida material das personagens. Ela degradou, sobretudo, sua dimensão psíquica, reduzindo-o à condição de um “homem-cão”.

Segundo Bosi (1997, p. 388), “Dyonelio Machado tem escavado os conflitos do homem em sociedade, cobrindo com seus contos e romances-de-personagens a gama de sentimentos que a vida moderna suscita no âmago da pessoa”.

Para esse herói oprimido e violentado no âmago de sua consciência, não há nenhuma perspectiva de futuro, como ocorre com o herói positivo. Enquanto a visão de mundo do opressor não for superada, não há possibilidade de vislumbre do futuro.

Moysés Velhinho, em *Dyonelio Machado do conto ao romance* (1944, p.40), caracteriza outro tipo de herói denominado “pobre diabo”. Em sua análise de *Os ratos*, Velhinho caracteriza o personagem central como “*um infeliz que se consome sem heroísmo*”. Nesse livro, a infelicidade se dá pela busca desesperada do herói pelo dinheiro, que garante a sua existência no contexto capitalista.

Nenhuma dessas categorias de herói pode ser aplicada ao maluco *do Cati*. O herói da narrativa é um herói “oprimido”. A sua condição não resulta de sua ação, nem da sua tentativa de se acomodar em relação aos valores hegemônicos do grupo social dominante. Ele não se identifica com a realidade socioeconômica do contexto capitalista. Essa opressão o impede de se constituir como sujeito. O herói “oprimido” revela a estrutura dominante às avessas. Vivendo todas as contradições numa sociedade que lhe nega todas as possibilidades de existência, o herói “oprimido” rebela-se contra toda e qualquer forma de reificação do mundo do opressor. Sua recusa configura-se em uma “loucura”, uma vez que esse herói busca superar a visão de mundo do opressor em sua consciência. O que o herói oprimido deseja não é a reconciliação com o mundo do opressor, individualista, violento e materialista, mas sua completa superação tanto no que tange à interioridade, quanto à exterioridade.

O uso da linguagem na narrativa de Dyonelio também é muito particular. Velhinho (1944, p. 86) percebeu o caráter subversivo na narrativa do autor ao destacar que “O Sr. Dionélio Machado rompeu com a tradição e entrou, não apenas a cortar os excessos, mas a despir, a desbastar o estilo de suas carnes próprias, a desfalcá-lo de sua própria substância, até deixá-lo quase inanimado”.

Em *O louco do Cati*, a forma da palavra é homóloga ao conteúdo da narrativa e à estrutura social que a elaborou. Ela condensa toda a experiência histórico-social. Ela não

está cheia de conteúdo apenas pelo seu caráter alegórico na constituição da narrativa, mas está cheia no sentido de materializar no corpo do texto estrutura homóloga à experiência histórico-social.

Desse modo, a linguagem em *O louco do Cati* deve ser considerada não somente como uma questão de ordem linguística, mas também de ordem epistemológica.

A obra situa a questão da relação entre literatura e realidade. A linguagem deve ser percebida como reflexo de uma totalidade social, cujas contradições são reconhecidas e materializadas na própria escritura do texto. A linguagem coloca em evidência uma realidade descontínua de modo a torná-la produtiva e operante em relação aos sujeitos da recepção, em lugar de uma concepção mimética que transforma idealmente o texto no lugar de solução imaginária das contradições. A narrativa de Dyonelio transpõe para o plano da construção formal da obra uma concepção do devir da história e, conseqüentemente, da possibilidade de ruptura dessas ideologias opressoras.

Toda obra literária deve ser vista como um produto da elaboração coerente no plano abstrato, cuja estrutura “corresponde àquela para que tende o conjunto do grupo” (GOLDMANN, 1967, p.209).

O trabalho do crítico, segundo o estruturalismo genético, consiste em estabelecer “relações entre os conteúdos das obras literárias e os da consciência coletiva” (loc. cit.). Esses conteúdos que caracterizam a visão de mundo de uma determinada formação social estão presentes na estrutura da obra literária. A obra corresponde então à estrutura mental de um determinado grupo social, sendo tarefa do crítico identificar a *homologia* significativa e inteligível entre o conteúdo e a forma literária e a estrutura social que nela se representa.

O estudo da forma da narrativa de Dyonelio Machado em *O louco do Cati* nos fornece alguns subsídios para compreendermos como a estrutura significativa (visão de mundo dos oprimidos) da obra se manifesta também no plano estético. Isso nos ajudará a entender a obra do escritor gaúcho naquilo que Goldmann (1967, p. 211) denominou como “conjunto perfeitamente coerente de fatos”.

O objeto artístico nasce de um desejo de coerência e de transcendência da condição miserável que o leva à completa estagnação. A linguagem em *O Louco de Cati* revela a impossibilidade de organização da realidade do oprimido nos moldes do romance burguês.

O homem de hoje vive em alta tensão, ante o perigo da aniquilação e da morte, da tortura e da solidão. É um homem de situações extremas, chegou ou está frente aos limites últimos de sua existência. A literatura que o descreve e interroga não pode ser, pois, senão uma literatura de situações excepcionais. (SABATO, 1982, p.54)

A estrutura de *O louco do Cati* evidencia uma subversão à visão de mundo do opressor. Isso explica o fato da obra não ter alcançado notoriedade, sendo posta no esquecimento. A visão do oprimido é substancialmente radical nessa obra. Ao optar tratar de questões cruciais nos processos de aniquilamento das esferas marginalizadas pelo

poder, recusando exercer seu “intimismo à sombra do poder”, como destaca Coutinho (2005, p.54), Dyonelio é esmagado por essas instâncias do poder.

A autêntica arte da revolta contra esta cultura moribunda, portanto, não pode ser nenhuma forma de objetivismo, mas uma arte integradora que permita descrever a totalidade do sujeito-objeto, a profunda e inextricável relação que existe entre o eu e o mundo, entre a consciência e o universo das coisas e dos homens. (SABATO, 1982, p.58)

A possibilidade de visualização de outros caminhos para o oprimido, a superação de sua condição só é possível quando o oprimido lança para fora de sua consciência o seu opressor. A viagem do “louco” é uma aventura para tomada de consciência. No contato com os oprimidos, o “maluco” descobre que a realidade não faz sentido porque ele hospeda em sua consciência a visão de mundo de seu opressor.

Mas agora, quando as guerras totais e os totalitarismos nos trouxeram o caos universal, o romance busca inconscientemente uma nova terra de esperança, uma luz em meio às trevas, uma terra firme em meio à gigantesca inundação. Demasiado foi destruído. E quando o real é a destruição, o romance não pode ser senão a construção de alguma nova fé. (SABATO, 1982, p.133)

No plano formal, *O louco do Cati* pode ser caracterizado pelo desaparecimento do herói problemático, acarretando, portanto, a superação da estrutura romanesca caracterizada, segundo Goldmann (1967a, p.12), pela “pesquisa degradada de valores autênticos.” Dyonelio tem consciência de que a forma de sua narrativa não se encaixa na forma do romance tradicional. Isso fica evidente quando na publicação prefere denominá-lo como uma aventura. Ao longo da aventura, o que são deixadas para trás não são pessoas, mas grupos sociais que vivendo aparentemente diferentes, equacionam as mesmas matrizes opressoras.

A narrativa de Dyonelio apresenta tantas rupturas com a forma do romance burguês que não seria apropriado lhe dar essa designação. Percebe-se em toda a narrativa uma preponderância do aspecto conceptual em detrimento da ação concreta. Essas características estruturais aproximam a narrativa dyoneliana do ensaio. Goldmann (1967, p.145) define o ensaio como

[...] uma forma literária autônoma que se situa a meio caminho entre a filosofia, expressão conceptual de uma visão de mundo, e a literatura, criação imaginária de um universo de pessoas individuais e de situações concretas. Entre as duas, o ensaio é um gênero intermediário, na medida que equaciona *problemas conceptuais* (e os grandes ensaios da história da literatura equacionam, de preferência, os problemas a que não dão resposta) na ocasião de tal ou tal *situação concreta*, ou de tal ou tal *personagem individual*.

O caráter ensaístico de uma obra se define ainda pela ironia. A “loucura” do personagem pode ser tomada como uma construção irônica do autor. O “maluco”, que se arrasa como uma sombra ao longo da narrativa é tomado por todos como “louco”.

Entretanto, é por meio de seus olhos que o leitor vê reveladas todas as matrizes da opressão que aniquilam e escravizam a mente do oprimido. O “louco” é, por conseguinte, o mais lúcido de todos.

Por isso, o ensaio possui sempre uma dimensão irônica, pois trata, em aparência, da vida ou do pensamento deste ou daquele personagem, ou descreve como se passaram tais e tais acontecimentos, quando, na realidade, os personagens e acontecimentos não passam de ocasião que permite ao ensaísta suscitar uma série de problemas de valor universal. (GOLDMANN, 1967, p.145)

Dyonelio Machado constrói no campo simbólico uma ambiciosa narrativa por meio da qual faz uma sondagem das categorias estruturais que orientam a consciência dos oprimidos. As personagens vivem visceralmente, em seus vários contextos, a violência e a alienação. O medo e a solidão perpassam a trama dessa aventura feita de muitas aventuras.

O olhar sobre a realidade se dá na perspectiva do oprimido, mas não centrado em um puro individualismo. Há uma identidade entre o que ocorre na sua consciência e as situações vivenciadas por seus companheiros de viagem. Na verdade, é só no contato com as experiências coletivas que ele percebe sua própria falta de identidade.

Todas as personagens vivem uma experiência dramática de encarceramento. Segundo Bosi (1980), “é tão grave o seu peso, que se faz sentir até quando a personagem já se viu livre das quatro paredes materiais da cela.” Em *O louco do Cati*, há um aprisionamento epistêmico e ontológico. O aprisionamento já se instalou de tal maneira na experiência do oprimido que sua consciência continua a reproduzir os esquemas da dominação, mesmo quando não há estruturas materiais. O ser apenas consegue se perceber inserido naquela estrutura que passa a ser percebida como a única possível.

Para desenvolver a narrativa, temos um narrador onisciente que deveria ter a capacidade de penetrar pensamentos e intenções das personagens e conduzir o fluxo da narrativa. No entanto, o que se tem é um narrador à deriva. No primeiro capítulo, “*A primeira aventura foi no bonde*”, o “louco” ocupa seu lugar no bonde para iniciar sua aventura. O bonde pode ser tomado como metáfora da própria narrativa. Vale destacar que todo o percurso feito pelo bonde remete-nos à rigidez dos trilhos. Uma narrativa cuja forma pretende ser coerente com o conteúdo não pode se estruturar nos moldes tradicionais do romance.

A aventura sob os trilhos leva a personagem para um lugar semideserto. “*O fim da linha era um lugar semideserto*” (MACHADO, 1984, p.10, grifos nossos). Não fazia muito que havia os trilhos até o novo bairro que surgia. Para ser coerente com uma realidade onde tudo é móvel, em constante devir, a narrativa precisa abandonar os trilhos para ser capaz de retratar a violência, a angústia, o medo e a opressão.

[...] Devia ser este trilho – o trilho que seus olhos haviam enfiado, longe, no arqueado da coxilha, em pleno dia, e que vinha do descampado, onde havia palmeiras, e ia para outro descampado – ponte rápida e sonhadora entre mistérios. (1984, p.20)

Predomina na moldura da narrativa o tema da busca. Essa busca se caracteriza por um desejo de superar uma realidade posta. Por trás da forma, se escondem mecanismos opressores. Quando chega à hospedaria, o edifício traduz em sua forma as mesmas representações simbólicas da dominação, “*eram, mesmo, redutos, quartel, casamatas*” (ibidem, p.23, grifos nossos).

A loucura funciona paradoxalmente como chave de sentido tanto no plano da forma, quanto do conteúdo. No plano formal, a “loucura” consiste em “degradar a língua metódica e sistematicamente”, como destaca Moysés Velinho (1944, p.87).

Vale ressaltar que a crítica de Velinho foi extremamente negativa em relação à obra de Dyonelio publicada em 1942. Segundo ele, o grande problema da obra consistia exatamente em problemas estruturais e de linguagem. O que ele não conseguiu perceber é que exatamente por sua subversão da estrutura e da língua, *O Louco do Cati* constrói sua coerência.

Se a língua é, em sua essência, um instrumento de cultura, conforme destaca Velinho (loc. cit.), e toda cultura uma representação de uma dada formação social, logo a linguagem traz as marcas estruturais da classe social que a fez emergir.

“O signo e a situação social estão indissoluvelmente ligados. Ora todo signo é ideológico.” Os sistemas semióticos servem para expressar a ideologia e são, portanto, modelados por ela. A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais, mas isto não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a “ideologia do cotidiano”, que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas. (YAGUELLO, 2004, p.16)

O que o crítico Moysés Velinho (1944) não percebeu em sua análise foi a completa *homologia* entre forma e conteúdo e a estrutura do grupo social que ela representa. Ao construir a narrativa, com “períodos atravancados”, “sempre aos pulos” com “aridez de forma” e com seus “seres amorfos”, Dyonelio reproduz o mundo dos oprimidos para quem a realidade oficial não faz sentido algum.

Essa “outra” realidade, tal como o “louco”, encontra-se nas sombras, mas nem por isso deixa de ser tão monstruosa. É necessário superá-la para surgir de fato a possibilidade de uma nova realidade.

A “loucura” a que nos submete a obra de Dyonelio não é uma fuga diante da realidade sufocante e violenta em que se inserem suas personagens. Não se trata de simples devaneio sem nenhuma consequência. O leitor se defronta com a loucura da sociedade burguesa que impossibilita a realização da totalidade que possibilitaria a integração plena do sujeito no mundo, entre interioridade e exterioridade.

Em *O louco do Cati*, as personagens vivem à margem das benesses do sistema opressor. Ao elaborar uma síntese dessa classe que vive à margem da estrutura social dominante, o autor não vivencia uma crise de valores porque não faz parte desse universo estrutural. A totalidade só é possível pela superação da visão de mundo dessa formação social e, conseqüentemente, da forma romanesca que transpõe para o plano simbólico sua visão de mundo.

A designação de sua narrativa como sendo uma aventura que se materializa no percurso de viagem do “maluco” aproxima a obra da epopeia clássica. É na adequação do sujeito com o mundo que o herói alcança a totalidade. A divisão da narrativa em cinco seções aponta para noção de movimento. Não é uma viagem de reificação, mas de busca de transcendência.

Para Goldmann, as estruturas são engendradas geneticamente, e essa afirmação parece ser suficiente para referendar o estudo imanente da obra (*compreensão*) e da descoberta posterior de sua correspondência social sincrônica (*explicação*). São duas formas diferentes de operar: a ontológica parte da gênese, do chão social em que germinou a criação artística, de seu conteúdo social, para em seguida dedicar-se ao estudo imanente de uma obra determinada. (FREDERICO, 2006, p.139)

A configuração do tempo na narrativa de Dyonelio é muito interessante. Embora tenhamos uma narrativa linear, o leitor não tem uma perspectiva objetiva do narrado. Há rupturas, suspensão da narrativa, uso de reticências e parêntesis que desloca continuamente o leitor no processo de leitura. O tempo absoluto da narrativa é o presente. Embora as memórias do “maluco” o remetam ao Cati de sua infância, o processo de rememorar atualiza esse passado como um presente absoluto.

Durante sua “aventura”, o Cati do passado se atualiza como realidade não superada. O presente é sempre um espectro do passado que oprime, aliena e violenta. Mesmo sob o signo do progresso e do desenvolvimento, o Cati atualiza sua estrutura opressora. Só quando o Cati se apresenta como ruínas, como passado superado, é que o novo se insere como presente capaz de construir o futuro. “Agora, é que via quanto ainda era moço...” (MACHADO, 1984, p.255)

O uso de reticências nessa última frase da narrativa aponta para uma realidade a ser construída. O herói se percebe como agente da transformação histórica. Liberto das limitações psíquicas que o contexto opressor lhe impunha, o herói sai do anonimato e das sombras para constituir identidade própria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *O louco do Cati* à luz do estruturalismo genético goldmanniano aponta não somente para a originalidade da obra, mas principalmente para a sua dimensão epistemológica. A crítica de formação burguesa não se reconhecia na expressão artística

do autor. Esse mundo às avessas, construído pela força da violência e da opressão, tem suas ressonâncias na consciência do oprimido. Não se trata de uma narrativa sobre o oprimido. É o oprimido que ganha voz, mesmo em seu silêncio. A literatura que brota desse lugar de enunciação oferece novas racionalidades, capazes de contrariar a visão hegemônica de mundo.

O ostracismo a que foi submetida a obra de Dyonelio Machado revela como os detentores do poder buscam silenciar os intelectuais que elaboram uma representação simbólica de consciência de classe que não seja a da classe dominante. A sua condição ontológica de oprimido, vivendo sempre à margem da estrutura do poder, não permitiu que sua obra tivesse ressonância em seu tempo.

Em um momento de crise dos modelos hegemônicos de base eurocêntrica, é fundamental recuperar essas racionalidades que oferecem outras possibilidades de explicar e intervir no mundo. São vozes que ao longo de séculos foram silenciadas e cujos saberes por elas produzidas não alcançaram a legitimidade.

Se toda produção cultural sintetiza no plano simbólico as estruturais mentais que orientam os interesses, as ideologias e os comportamentos de uma formação social, a literatura se configura um instrumento muito enriquecedor para compreensão da ação humana.

Desse modo, uma literatura que nasce da síntese de uma classe opressora jamais pode ser libertária. Pelo contrário, deixa em cada produção cultural a sombra da opressão que esmaga e aliena o sujeito, impedindo-o de ser mais. A possibilidade de transcendência da opressão só é possível na *práxis* libertadora do oprimido, que pode expulsar a sombra opressora pela conscientização que viabiliza um posicionamento crítico diante das forças opressoras.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1997.

BOSI, Alfredo. Uma trilogia da libertação. In: MACHADO, Dyonelio. **Prodígios**. São Paulo: Moderna, 1980.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil**: ensaios sobre idéias e formas. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

FREDERICO, Celso. **Sociologia da cultura**: Lucien Goldmann e os debates do século XX. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

GOLDMANN, Lucien. A criação cultural nas sociedades modernas. Trad. Rolando Roque da Silva. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

\_\_\_\_\_. **A origem da dialética:** a comunidade humana e o universo em Kant. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. **Ciências humanas e filosofia:** o que é Sociologia? 12ª ed. Trad. Lupe Cotrim Garaude e José Arthur Giannotti. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1993.

\_\_\_\_\_. **Sociologia do romance.** Trad. Alvaro Cabral. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MACHADO, Dyonelio. **Os ratos.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1980.

\_\_\_\_\_. Memória de um pobre homem. In: \_\_\_\_\_. **O cheiro de coisa viva.** Organização, introdução e notas, Maria Zenilda Grawunder. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995.

\_\_\_\_\_. **O louco do Cati.** 4ª ed. São Paulo: Ática, 1984.

PAES, José Paulo. O pobre diabo no romance brasileiro. In: \_\_\_\_\_. **A aventura literária:** ensaios sobre ficção e ficções. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PINA, Álvaro. **Realismo e história:** ensaio teórico e crítico sobre protagonistas literários. Coleção Movimento n. 28. Lisboa: Livros Horizontes, 1978.

ROMÃO, José Estácio. **Razões oprimidas.** Revista Portuguesa de Educação, v.223, n.2, Universidade do Minho, 2010.

SABATO, Ernesto. **O escritor e seus fantasmas.** 2ª ed. Trad. Janer Cristaldo. Rio de Janeiro: Francisco. Alves Editora, 1982.

VELHINHO, Moysés. **Letras da Província:** Coleção Autores Brasileiros, Vol. I. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.

YAGUELLO, Marina. Introdução. In: BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem:** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adaptação 96, 242, 243, 248, 249, 250, 251  
Ana Miranda 20  
Angel Rama 206, 208, 209  
Antítese 167, 178, 180, 181  
Antonio Candido 95, 139, 140, 145, 146, 206, 209, 210, 212, 213  
Apartheid 1, 2, 5, 6, 7, 9  
Aproximaciones Biográficas 271  
Arquivo 129, 130, 131, 132, 134, 136, 138  
Astrid Cabral 167, 168, 169, 171, 182  
A viuvinha 74, 75, 77, 82, 84

### B

Brasil 16, 17, 18, 19, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 42, 45, 62, 63, 74, 75, 76, 77, 78, 84, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 114, 116, 117, 119, 135, 138, 139, 141, 143, 144, 145, 147, 149, 198, 203, 204, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 216, 232, 236, 250, 279

### C

Cabo Verde 147, 148, 149, 154, 156, 157, 158  
Com amor, Simon 242, 243, 249, 250  
Comunidade de território 159, 160, 161, 163  
Conflitos Humanos 231  
Credibilidade 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240  
Crítica à Igreja Católica 86  
Cultura 1, 13, 16, 19, 34, 35, 46, 47, 58, 60, 62, 70, 74, 83, 84, 85, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 118, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 144, 145, 148, 149, 158, 163, 164, 165, 167, 169, 210, 216, 221, 224, 251, 257, 261, 263, 266, 272, 273

### D

Décio de Almeida Prado 206, 211, 212, 213, 216  
Diálogos Literários 147  
Dramaturgia 206, 210, 211, 213, 216, 217, 218, 221  
Dyonélio Machado 43, 49

## E

Edição 17, 50, 51, 89, 106, 107, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 146, 148, 165, 205, 208, 250

Ensino de literatura 139, 141

Ensino de poesia 139

Epistemologia 43, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Epistemologia do Romance 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Espaço 1, 3, 11, 12, 14, 32, 40, 44, 48, 52, 78, 87, 91, 100, 102, 103, 126, 127, 133, 137, 149, 151, 154, 155, 156, 159, 160, 161, 163, 164, 170, 185, 198, 214, 215, 232, 233, 234, 235, 237, 246, 248

Espaço literário 32, 160

Esperpentos 86, 91, 92, 94

Estética da Recepção 14, 17

Estratégia contradiscursiva 64, 69

Estudos Comparados de Literatura 118, 119

Evangelhos 252, 253, 257, 260

Existencialismo 263

## F

Fausto 144, 263, 266, 267, 268, 269, 270

Ficção 1, 9, 10, 11, 13, 17, 20, 29, 37, 42, 63, 66, 74, 75, 76, 82, 84, 96, 99, 142, 189, 208, 231, 234, 235, 236, 240, 242, 250

Folclore 106, 113, 143

## G

Goethe 263, 266, 267, 268, 269

Grande sertão: veredas 14, 15, 16, 17, 19

Guimarães Rosa 14, 15, 16, 17, 18, 19, 49, 101, 208

## H

Hernâni Donato 32

Herói 36, 45, 51, 54, 55, 56, 58, 61, 64, 65, 68, 91, 104, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 230, 237

Hilda Hilst 185, 193, 194

História 2, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 29, 30, 32, 36, 42, 44, 53, 55, 57, 58, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 73, 74, 76, 82, 84, 89, 93, 96, 104, 105, 113, 114, 124, 126, 127, 128, 130, 131, 138, 140, 150, 151, 157, 158, 159, 161, 165, 188, 201, 209, 211, 216,

224, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 239, 249, 250, 251, 252, 253, 257, 258, 259, 261, 266, 269, 270

Homossexualidade 242, 244, 245

Humanização 139

## I

Iconotextos 20, 21, 23, 29, 30

Imaginário 13, 96, 107, 118, 120, 124, 125, 127, 128, 149, 150, 161, 217, 218, 220, 222, 270

Indigenismo 95, 99

Inquérito 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117

Interlocução 185, 187, 190, 193, 194

## J

Jornais 78, 84, 88, 110, 115, 129, 131, 132, 133, 134, 136, 165, 214, 215, 236

Jornalismo 231, 232, 235, 236, 237, 241

José Craveirinha 159, 160, 161, 163, 165, 166

José de Alencar 74, 75, 76, 77, 212, 215

## K

Kiriku e a feiticeira 118, 119, 128

## L

Leitura 3, 9, 12, 17, 61, 76, 77, 101, 109, 111, 113, 114, 127, 129, 130, 132, 134, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 145, 149, 159, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 212, 234, 238, 239, 244, 248, 249, 250, 281

Lírica 160, 170, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194

Literatura 2, 2, 3, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 30, 32, 43, 46, 48, 49, 57, 58, 62, 64, 72, 74, 76, 78, 82, 83, 84, 86, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 104, 105, 110, 117, 118, 119, 124, 128, 129, 130, 131, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 170, 171, 188, 194, 195, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 220, 231, 232, 236, 240, 242, 243, 244, 246, 250, 251, 252, 261, 263, 265, 266, 269, 281

Literatura Comparada 14, 158, 206, 208, 209, 210, 211, 216

Literatura de Recepção Infantil 118

Literatura e História 20, 32, 128

Literatura espanhola 86

Lucien Goldmann 43, 62

## M

Mal 37, 38, 51, 87, 89, 94, 120, 121, 122, 123, 124, 132, 138, 143, 174, 223, 226, 230, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 269, 270

Manuel Bandeira 147, 148, 149, 151, 152, 156, 157, 158

Mefistófeles 263, 266, 267, 268, 269

Memória 3, 8, 11, 13, 16, 63, 64, 68, 69, 71, 72, 73, 84, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 165, 187, 193, 194, 195, 223

Meta ficção historiográfica 20

Metáfora 59, 92, 112, 153, 167, 168, 169, 171, 172, 175, 177, 178, 179, 183, 237, 255, 256

Metalinguagem 155, 167, 168, 170, 183

Monteiro Lobato 106, 117

## N

Narrativa de tensão 32

Ngungunhane 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

## O

O Homem Decomposto 217, 221

O retrato do rei 20, 21, 29, 31

Oswaldo de Alcântara 147, 148, 149, 151, 152, 154, 156

## P

Paulo Freire 43

Periódico católico 74, 79, 83

Poesia 10, 17, 91, 107, 108, 117, 139, 148, 149, 151, 152, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 190, 193, 194, 195, 207, 210, 211, 213, 223, 224, 225, 228

Política Pública 196, 198, 202, 203

Prisão 36, 66, 70, 92, 196, 200, 202, 203, 205, 227

Processo intermediático 20, 21, 29

## R

Realidade 1, 3, 6, 8, 10, 18, 20, 25, 28, 29, 32, 40, 41, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 69, 70, 82, 91, 92, 93, 102, 104, 106, 112, 126, 133, 143, 147, 151, 154, 156, 161, 168, 176, 181, 198, 199, 208, 213, 214, 217, 218, 220, 221, 222, 224, 228, 229, 232, 234, 235, 236, 240, 245, 246, 263, 264, 270

Reescrita 64, 252, 254

Renamo 1, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 68  
Ressocialização 196, 198, 200, 202, 203  
Romance adolescente 242, 244  
Romance gráfico 252, 253, 257, 261  
Romantismo 74, 75, 76, 77, 82, 84, 206, 210, 212

## **S**

Saci Pererê 106, 107, 113  
Século XIX 26, 138  
Simon vs. a agenda Homo Sapiens 242, 244  
Sociologia da literatura 43  
Subjetividade 10, 130, 132, 159, 186, 193, 194  
Subjetividades 185, 186, 195, 271, 279

## **T**

Teatro Decomposto 217, 220  
Tradição 11, 15, 17, 23, 56, 64, 77, 102, 107, 127, 148, 171, 188, 193, 199, 206, 207, 208, 213, 214, 215, 243, 252, 266  
Transculturaçãõ 95, 96, 97, 100, 101, 102, 104, 206, 209

## **V**

Valle-Inclán 86, 91, 92, 93, 94  
Velhice 14, 16, 18, 19, 268  
Violência 1, 8, 12, 34, 36, 50, 51, 53, 55, 56, 59, 62, 126, 211, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261  
Voz 3, 7, 11, 13, 18, 49, 52, 62, 75, 93, 96, 97, 100, 111, 114, 122, 124, 125, 126, 128, 148, 160, 163, 168, 169, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 234, 238, 255, 273

---

# Reflexão Estética da Literatura 2

---

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020



# *Reflexão Estética da Literatura 2*



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020